

# Caderno



  
IMPRENSA  
OFICIAL/ES

Revista de Cultura do  
Diário Oficial do Espírito Santo

Ano VI - n.º 32 • Vitória-ES • Março de 2016 • Bimestral



## Uma história recheada de talentos

GALERIA HOMERO MASSENA  
COMPLETA 39 ANOS  
REVELANDO JOVENS ARTISTAS  
CAPIXABAS NAS ARTES VISUAIS

Páginas 8 a 13

O BIÓLOGO PIERO RUSCHI E A SUA  
**LEITURA DA NATUREZA**

Página 3

**O FUNK DO CONHECIMENTO** TOMA  
CONTA DA ESCOLA GUILHERME  
SANTOS, EM VILA VELHA

Páginas 4 a 7

# A qualidade do acervo e do artista

A quase quarentona Galeria Homero Massena guarda um bem público que muitos capixabas ainda desconhecem. Não é à toa que a coordenação do espaço trabalha incessantemente para divulgar obras que somam um acervo de cerca de 300 peças e documentos, a maior parte delas de artistas locais.

A valorização do artista capixaba é a essência de uma agenda pública focada na cultura local e na divulgação dos trabalhos realizados por aqui. Mas a divulgação dessas obras, que são de todos os capixabas, é apenas parte do trabalho da Galeria neste século.

A função principal da Homero Massena, hoje, somada a levar conheci-

mento ao público local, é voltada cada vez mais para incentivar o trabalho do jovem artista, que conta com editais de ocupação da Secretaria de Estado da Cultura (Secult) para expor na Homero Massena, e para formar público, o que é feito a partir de parcerias com escolas, para visitas orientadas.

A formação de público mais afeito as artes é também a preocupação que permeia o trabalho de escolas como a Guilherme Santos, da Rede Municipal de Ensino de Vila Velha. Lá, professores e alunos se uniram para, por meio de um projeto de produção audiovisual, pesquisar e representar a história do funk, sem preconceitos.

Nesta edição do Caderno D há ainda um artigo sobre as formas de captar recursos para a produção artística e os cuidados do Governo do Estado para dar transparência a esse processo, além das memórias literárias de Piero Ruschi, filho do mais famoso ambientalista da história do Espírito Santo, Augusto Ruschi.

Boa leitura! ■

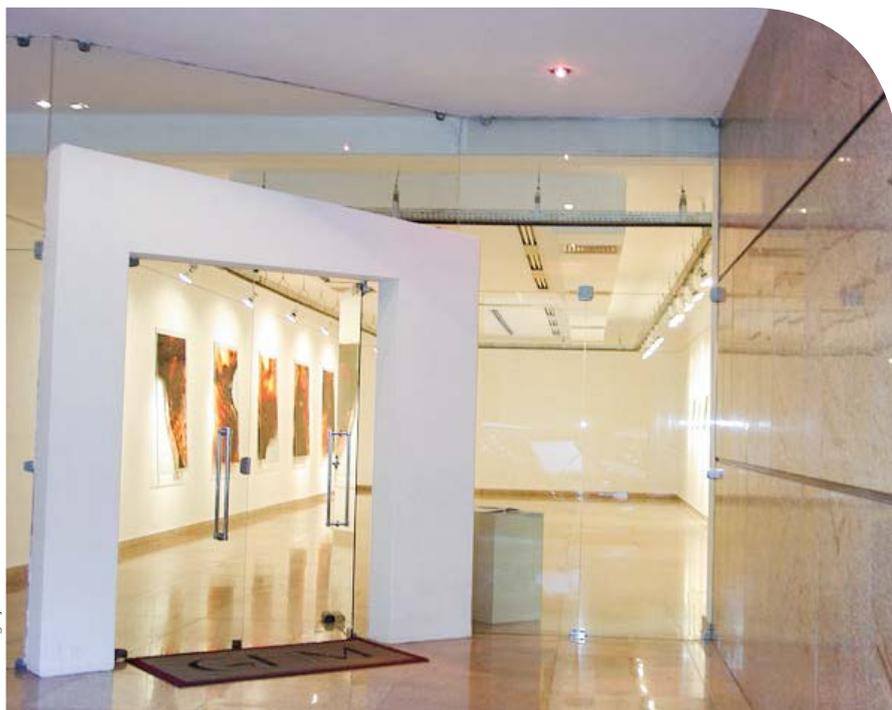


Foto: Divulgação Secult

## Caderno D

Revista de Cultura do  
Diário Oficial do Espírito Santo

### GOVERNO DO ESTADO

PAULO CÉSAR HARTUNG GOMES  
Governador

CÉSAR ROBERTO COLNAGO  
Vice-Governador

DAYSE MARIA OSLEGHER LEMOS  
Secretária de Gestão e Recursos Humanos



GOVERNO DO ESTADO  
DO ESPÍRITO SANTO

**DIO**  
MIRIAN SCÁRDUA  
Diretora-presidente

**SÉRGIO RICARDO DE OLIVEIRA EGITO**  
Diretor de Produção e Comercialização

**GETÚLIO DARCY CURTY PIRES**  
Diretor Administrativo-financeiro

**SECULT**  
JOÃO GUALBERTO M. VASCONCELOS  
Secretário de Estado da Cultura

**Coordenação de produção**  
Sérgio Egito e Stephanie Oliveira

**Edição, redação e revisão**  
Companhia de Comunicação

**Projeto gráfico e editoração**  
Comunicação Impressa

**Jornalista responsável**  
Cláudio Rocha

**Impressão**  
Gráfica do DIO

## Quando o interesse pela leitura vem da **natureza**



Foto: Arquivo Pessoal

**B**iólogo, formado na Escola Superior São Francisco de Assis (Esfa), em Santa Teresa (ES), e mestre em Zoologia pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro, atualmente cursando doutorado nesta mesma instituição, Piero Angeli Ruschi, filho do mais famoso ambientalista da história do Espírito Santo, Augusto Ruschi, tem uma ligação muito especial com a leitura, incentivada desde a infância pelos pais.

Com 31 anos e solteiro, esse jovem biólogo e pesquisador voluntário do Instituto Nacional da Mata Atlântica – nova denominação do até então Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, localizado em Santa Teresa –, desenvolveu uma grande atração por livros que o ajudam a questionar e a entender situações complexas, principalmente aquelas relacionadas à sociedade e à ciência.

Assuntos como ciências sociais, evolução e filosofia são os seus favoritos. “A minha leitura na infância e adolescência girava em torno das disciplinas escolares, especialmente biologia. Eu adorava ler as revistas que minha mãe trazia, como a National Geographic e as enciclopédias, como ‘Os Bichos’ e ‘O Mar’, de Jacques Cустeau”, revela Piero.

Em sua mesa de cabeceira ele mantém vários livros que, segundo ele, são difíceis de eger no seu ranking de preferência. Mas, diante da insistência do Caderno D, ele citou, em primeiro

lugar, “O Naturalista Amador”, de Durrel Gerald, que ganhou de presente do pai com uma bela dedicatória. Em 2015, foi comemorado o centenário de nascimento do pai de Piero Ruschi.

“Esse livro me mostrou, desde cedo, a importância para uma visão naturalista do ambiente ao nosso redor. Considero esse livro um dos melhores presentes que se pode dar a uma criança, além de levá-la para ter contato com a natureza, após sua leitura, claro”, confessa Piero.

Na infância ele tinha preferência pelos artigos e livros do pai, Augusto Ruschi. “Eu tinha uma caixa com todos os artigos dele. Graças a essa leitura, eu pude conhecer, sozinho, o meu pai. Depois, passei a ser capaz de interpretar as histórias que ouvia sobre ele”, lembra Piero.

A ausência precoce do pai fez com que ele adquirisse o hábito de refletir, desde muito novo. Mas foi na fase adulta que teve contato com livros de filosofia. Essas leituras, informa Piero, são muito gratificantes tanto para re-

flexões pessoais quanto profissionais. Durante a graduação, Piero Ruschi conheceu outros títulos que também chamaram sua atenção (veja quadro).

“Meu interesse pela Biologia e a natureza em si veio da vontade, desde criança, em praticar atividades que eu faria com meu pai. Então, nunca deixei de frequentar o museu. Minha atividade favorita era ajudar os pesquisadores que vinham estudar os beija-flores. Além disso, eu participava das atividades de Educação Ambiental, além de fazer parte de um clube de ciências para crianças. Eu também ajudava os tratadores a cuidar dos animais”, lembra Piero. Na realidade, ele cresceu tendo a área do atual Instituto Nacional da Mata Atlântica como quintal de sua casa.

Atualmente, Ruschi mora no Rio de Janeiro, onde faz seu doutorado. Mas, para ele, “viver afastado de Santa Teresa sempre foi muito difícil. Felizmente sempre tive muito apoio e conforto dos meus familiares”, revela.

### OS PREFERIDOS DE PIERO RUSCHI

O Ambiente: como eu o vejo, a ciência não é o suficiente.  
Autor: Bruce Wallace.

A ferro e fogo: a história da devastação da Mata Atlântica.  
Autor: Warren Dean.

A estrutura das revoluções científicas. Autor: Thomas Kuhn. ■

# Conhecimento *pela arte*

**O Funk é 10, é nota 100**  
**Onde o Funk toca não tem pra ninguém**  
**Que falem mal, que falem bem**  
**Nossa vitória é certa e a gente vai além**

(Hino Funkeiro – MC Marcinho / MC Sapão / MC Bob Rum)



O professor Paulo Cesar e parte da equipe que participou do filme

Você gosta de funk? Sabe a origem, como surgiu? A esmagadora maioria dos que gostam e também dos que não gostam desconhece a história desse gênero musical que, no Brasil, muitos chamam de pancadão ou tamborzão.

Longe de tentar convencer ou de fazer as pessoas gostarem desse ou daquele estilo de

música, um grupo de alunos, professores e funcionários da Unidade Municipal de Ensino Fundamental (Umef) Guilherme Santos, localizada no bairro Santa Inês, em Vila Velha, juntou duas manifestações artísticas: produziu um filme que conta a história do funk. Você pode até não gostar do gênero, mas há como ignorá-lo. Então, por

**“Gosto de atuar e quis me aprofundar no conhecimento sobre o funk. Gostei muito de participar do filme porque além de ter feito o que gosto, todos nós tivemos um envolvimento cultural e passamos a conhecer melhor o que é funk, seus estilos. Tem muita discriminação por falta de conhecimento. ”**

Wesley da Costa, 13 anos, aluno do 7.º ano da Umef Guilherme Santos

que não conhecê-lo? Saber suas origens?

A ideia do filme surgiu com o professor de Tecnologias Educacionais, Paulo Cesar Silveira das Neves, para mostrar aos estudantes a origem do estilo musical que está na moda, nas novelas, que eles escutam nos mais variados lugares e que gera muito debate e preconceito.

Qual a melhor forma de abordar esse tema e fazer com que todos se envolvam? Um filme, produzido pelos próprios alunos. Junto com o professor, eles pesquisaram e encenaram um longa-metragem com duas horas e meia de duração, gravado na escola e em espaços públicos de Vitória e de Vila Velha, que mistura documentário, musical e ficção. Resultado: Do Blues ao Tamborzão – a Construção do Funk Carioca.

O filme aborda do surgimento, nos Estados Unidos, até chegar à nacionalização desse ritmo no Brasil, com o DJ Malboro, no Rio de Janeiro. Há, claro, passagens pela produção de funk capixaba, com o DJ Alex e equipe da Pop Music, atualmente residente do Clube Náutico Brasil, no bairro Santo Antônio.

## Pesquisador

O professor Paulo Cesar Silveira das Neves pesquisa o funk há 19 anos e seus conhecimentos facilitaram a produção do roteiro do filme, elaborado pelo próprio professor e que tem como sustentação a trajetória de

um grupo de alunos que tenta participar de um concurso para um musical sobre funk. Este é o cenário da história. As idas e vindas desse grupo, pesquisando e tentando se classificar para o festival de funk, leva o espectador a conhecer a história do gênero que contaminou o gosto popular.

Quem assiste, conhece um pouco mais sobre o funk; os alunos que participaram de todo o processo de criação e filmagem conhecem em detalhes a trajetória do funk e agregam à bagagem como produzir e atuar em um filme.

Participaram desse processo 20 alunos, o professor Paulo Cesar (diretor do filme), a professora Tânia Goltara (diretora da Umef), a professora Maria Delma Lopes Tonon (produtora do filme), funcionários e demais alunos da Umef.

Foram 12 meses de gravação com máquinas fotográficas

**“Participar das filmagens e ver o envolvimento dos alunos e dos professores foi uma experiência muito boa para toda a comunidade escolar. Fiz uma participação como diretora da escola fictícia do filme. Foi muito interessante. 99**

*Tânia Goltara, diretora da Umef Guilherme Santos*

digitais e celulares, ambos com recurso de filmagem. Para montar o filme, usaram os programas gratuitos de edição Filmora, Camtasia Studio e Movie Maker. Tudo muito simples, mas com conteúdo e empolgação.

Filmado ao longo de 2015, o longa-metragem foi exibido para os integrantes da equipe e agora, em 2016, será apresentado em sessões especiais para toda a comunidade escolar, pais de alunos e, a partir deste mês de março, está no canal Youtube. Beijinho no ombro.

*Do Blues ao Tamborão – a Construção do Funk Carioca  
Direção: Prof. Paulo Cesar Silveira das Neves  
Produção: Prof. Maria Delma Lopes Tonon*



Foto: Making off

## CURIOSIDADES

- Os alunos (20 ao todo) cantam, dançam e encenam para retratar a trajetória do funk e improvisam bastante, ao ponto de trocarem de fala entre eles.
- Foram cenários a própria escola onde estudam, a Umef Guilherme Santos, a Catedral Metropolitana de Vitória, o Museu Capixaba do Negro, a Casa da Memória, a Igreja do Rosário, o Convento da Penha e a Prainha de Vila Velha.
- Somente três alunos/atores, o professor (que estava filmando) e a diretora sabiam de uma das cenas mais vibrantes do filme, quando a dirigente da escola convoca a todos os alunos para uma conversa na quadra. Os atores envolvidos

- fizeram a ação programada e a diretora parou de dar o aviso e deu uma enorme bronca em todos. Ninguém entendeu nada... A cena ficou perfeita e os estudantes só foram informados do que se tratava depois da gravação.
- Todas as imagens foram feitas com câmeras digitais e celulares que fotografam e filmam.
- A edição e a montagem do filme foram feitas nos programas gratuitos Filmora, Camtasia Studio e Movie Maker.
- Este é o segundo filme feito com alunos da Umef Guilherme Santos. Em 2014, o mesmo professor fez o filme Descobrindo os anos 80 com alunos do 5.º ano matutino. A repercussão

- foi tão boa que os demais alunos cobravam outro filme com participação de outros grupos e mais estudantes envolvidos.
- Em 2015, o professor abriu seleção para os alunos do 5.º, 6.º, 7.º e 9.º ano participarem do filme Do Blues ao Tamborão – a Construção do Funk Carioca. Inscreveram-se 60 alunos e 20 foram selecionados. A seleção avaliou o compromisso com o filme e não a atuação, pois o objetivo não era eliminar e nem procurar por atores.
- No filme é contado um pouco das histórias de vários ritmos musicais, ritmos esses fundamentais para o surgimento do funk carioca. >>

## A Cronologia do funk

**O ritmo que virou moda no Brasil foi criado nos Estados Unidos, no início dos anos 1960, com uma nobre mistura do jazz e do soul e de outros ritmos de influência dos astros negros da música e das igrejas. Só na década seguinte chegou ao Brasil, por meio de missionários evangélicos, apesar da sua fama hoje de apologia ao sexo e à violência.**

### O FUNK DÉCADA A DÉCADA

#### ANOS 1960

Época do surgimento do funk, nos Estados Unidos. É fruto da mistura do jazz e do soul, que são ritmos que têm influência no spiritual/blues e nas canções de lamentação dos escravos americanos.

#### ANOS 1970

Década em que o funk americano passou por transformações, surgindo o funk psicodélico, que ficou logo em baixa. A música que dominava era a disco music, ritmo criado da mistura de vários ritmos negros.

Ainda nos anos 1970, o funk chega ao Brasil por meio de missionários evangélicos das igrejas Batista e Presbiteriana dos Estados Unidos.

Iniciou-se os bailes funk, na churrascaria Canecão (RJ), onde foram realizados os lendários Bailes da Pesada, comandados pelos discotecários Big Boy e Ademir Lemos.

Com o fim da disco music, o mercado da música fica com um grande vazio, preenchido posteriormente com o surgimento de novos ritmos, como o disco funk - mistura da disco music dos anos 1970 como o funk dos anos 1960.

#### ANOS 1980

A partir de 1980, o rap, ritmo que nasceu na Jamaica e se transformou nos Estados Unidos, começa a ganhar notoriedade, seja por meio das letras críticas, vestimentas ou dança. Nessa década, fazendo um contraponto ao rap, surge na Flórida o miami bass, ritmo com batidas graves e em baixa frequência, com letras bem erotizadas. Esse ritmo fez sucesso primeiramente em casa de strip-tease, depois tomou conta das rádios.

Ainda nessa década, nasce o freestyle, ritmo mui-

to parecido como o miami bass, porém com um diferencial nos vocais e no conteúdos das letras. O miami era mais voltado para letras picantes e o freestyle falava mais de amor e dança, esses dois ritmos moldaram o que se tornou o funk carioca.

Em 1988, é lançado o primeiro funk carioca, uma composição do Cantor Abdula e Dj Marlboro, chamado de Melô da Mulher Feia. De início o funk carioca apostava mais no humor, com uma pitada de duplo sentido para falar de problemas sociais ou de sensualidade.

#### ANOS 1990

O funk, ao contrário do rap, nunca se obrigou a fazer exclusivamente músicas politizadas. No início da década de 1990, a crítica social ficou presente em músicas como Feira de Acari, Favela também é Arte, entre outras.

O lado romântico ficou com Latino, Guilherme Jardim, Copacabana Beat, Cashmere, Abdula, entre muitos outros.

Nesse período, o funk também ficou marcado pela onda de brigas em alguns bailes, os chamados Bailes de Corredor, onde as galeras eram divididas em dois lados e em vários momentos se enfrentavam com socos e chutes. Para animar esses confrontos, as galeras tinham músicas específicas para isso.

Com a onda de fechamento dos bailes em clubes, o funk migra para dentro das comunidades, onde nasce o funk proibido, que fala sobre facções criminosas, tráfico, violência e armas.

Nos anos 1990, também surgiu o funk social ou consciente, o melody, a comédia, o new funk, as montagens, o gospel e outros.

▶ No fim dos anos 1990, nasce a base que iria revolucionar o funk na década seguinte: o tamborzão.

## ANOS 2000

▶ No início dessa década, o funk passou a priorizar músicas e coreografias mais sensuais. Surge, então, os primeiros Bondes (Tigrão, Vinho, Nervoso...). O ritmo vai ficando mais sensual e ousado com o passar dos anos e novas vertentes vão surgindo, como o funk ousadia, ostentação, anarco funk, funknejo, eletrofunk e muitos outros.

▶ Em 2006, surge, no Rio de Janeiro, um movimento buscando resgatar os bailes antigos, haja vista que muitos funkeiros não concordavam com os novos rumos do funk. Assim, nascem as festas funk soul black, que tocava black music, freestyle e miami bass, além de ter a participação de antigos DJs e equipes de som.

▶ Aos poucos outras festas do gênero foram nascendo, umas dando ênfase ao funk carioca dos anos 90, outras ao soul, ao miami e ao freestyle.

▶ Em 2009, a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro aprovou, no dia 1.º de setembro, o Projeto de Lei n.º 1.671, que estabelece o funk carioca como patrimônio cultural do estado. A partir dessa data, ficou garantida a livre manifestação e a proteção do movimento, além de prever punição contra formas de preconceito e discriminação. O projeto é de autoria do deputado Marcelo Freixo (PSOL), com colaboração dos deputados Paulo Melo (PMDB) e Wagner Montes (PDT).

▶ No ano de 2010 foi realizada a primeira edição do Rio Parada Funk, o maior baile funk do mundo, com eventos realizados nas ruas do Centro do Rio de Janeiro com várias equipes de som, MCs



Os alunos formaram um grupo de funk no filme

e DJs. Os bailes foram totalmente gratuitos e começaram às 10 horas com término às 20 horas.

▶ No ano seguinte, esse evento foi para a Lapa (RJ), atraindo mais de 6 mil pessoas. A terceira edição do evento foi na Praça da Apoteose.

▶ Em 2015, esse evento passou a fazer parte do calendário oficial de eventos do Rio de Janeiro como data fixa, segundo domingo de setembro.

▶ Nos meses de março e abril de 2015, voltaram a ser promovidos os bailes funk, no seu formato mais antigo, em centenas de clubes onde o ritmo fez história. Atualmente os bailes não são mais promovidos.

## Funk capixaba

▶ Tem a mesma idade do funk carioca, década de 1980.

▶ No Espírito Santo, o DJ Alex, da equipe de pop music ajudou na divulgação desse ritmo.

▶ As rádios Tropical e Litoral começaram a tocar o funk capixaba.

▶ As quadras da Escola de Samba Novo Império e do Clube Náutico Brasil começam a abrir para os MCs capixabas. Surgem, então, os concursos de galera.

▶ Atualmente, os bailes funk são realizados em menor quantidade. Continuam no Clube Náutico Brasil e em alguns bairros da cidade. ■

***Oi demoro, demoro, deixar o funk invadir seu coração,  
que lindo, mas abalo, abalo, esse é o funkeiro brasileiro meu irmão***

*(MCs Jefinho e Flavinho - funk capixaba)*



Instalação temporária de desenhos em grafite de Ana De Sena



## Revelando *talentos*

**Galeria Homero Massena completa 39 anos dando visibilidade e incentivando novos artistas**

O vigor da jovem artista Ana De Sena, que passou um mês acampada na Galeria Homero Massena para preparar sua exposição de desenhos abstratos feitos com grafite, dá a tônica do novo momento que passa, hoje, este espaço, o primeiro equipamento público dedicado às artes visuais no Estado e que no ano que vem completa 40 anos. Para comemorar os seus 39 anos de existência, a Galeria apresenta até o final de abril a mostra “Marcas da Memória”, com obras de Ana e de outros artistas que marcaram a história da Homero Massena, como Sebastião Salgado, Benevento, Hilal Sami Hilal, Julio Schmidt, Irineu Ribeiro, Paulo Bonino e Paulo Campinho.

Nestes quase 40 anos, a Homero Massena acabou absorvendo a guarda de coleções formadas a partir das exposições realizadas desde a abertura da Galeria em 1977 e do patrimônio agregado de outros espaços. São obras que participaram de exposições organizadas pela Fundação Cultural do Espírito Santo (FCES), na Galeria Levino Fanzeres, no período de 1973 a 1983, que funcionava nas dependências do Theatro Carlos Gomes, e o legado das exposições realizadas no período de 1986 a 1992, na extinta Galeria Álvaro Conde, que funcionou na sede da então Secretaria de Estado da Educação e Cultura.

A coordenadora de Artes Visuais da Homero Massena, Franquilandia Gonçalves Rangel Raft, explica que o trabalho da Galeria mudou muito ao longo dos anos. Quando foi criada, em 31 de março de 1977, durante o governo de Elcio Álvares, em plena Ditadura Militar, atendia a uma reivindicação de artistas locais, que não tinham um espaço especializado para suas exposições. Abrigou, em princípio, exposições de artistas locais e nacionais, com a relevância, por exemplo, do fotógrafo Sebastião Salgado, um dos mais conhecidos e reverenciados do mundo, e dos artistas plásticos Caribé e Frans Krajeberg.

Outros nomes de peso, especialmente das artes plásticas capixabas, passaram pela Homero Massena no início de carreira, como Rosilene Ludovico, Elpídio Malaquias, Nice Nascimento, Celina Rodrigues e Hilal Sami Hilal. Todos, inclui-

ve os artistas nacionais, têm pelo menos uma obra doada para o rico e representativo acervo da Galeria.

O patrimônio soma cerca de 300 obras de arte, um acervo de grande valor artístico, segundo a museóloga da Secretaria de Estado da Cultura (Secult), Paula Nunes Costa. Para ela, nesta nova fase de trabalho, a Homero Massena cumpre um papel fundamental de dar retorno à sociedade expondo o acervo, que está sendo catalogado, com informações de cada obra e de cada artista. Boa parte desse trabalho já foi feito, mas ele deve ser aprimorado e as fichas ficarão cada vez mais densas, disse Paula. “Queremos que elas tenham informações sobre o material utilizado, as exposições pelas quais passou e mais dados sobre o artista.”

## Caminho

A divulgação desse acervo, a abertura de caminhos aos

novos artistas capixabas e a formação de público para as artes visuais são o foco, hoje, da Galeria Homero Massena, segundo Franquilandia. Os editais de ocupação, da Secult, lançados anualmente, garantem o acesso dos jovens artistas locais ao espaço e às exposições.

Os artistas selecionados, por meio dessa política pública criada em 2007, têm garantido R\$ 25 mil para financiar a exposição. Junto com a liberação do recurso, eles recebem uma tutoria, com orientação acadêmica, para ajudar no desenvolvimento do projeto escrito e na preparação da exposição.

Além disso, ressalta Franquilandia, a evolução do trabalho em galerias públicas segue um fluxo natural de tentar formar público. Para isso, há projetos de parcerias com escolas para visitas orientadas. A Galeria funciona de segunda-feira a sexta-feira, das 9h às 18h. Aos sábados, das 13h às 18h. O público, que caiu >>



Foto: Divulgação Secult

A Galeria Homero Massena e suas exposições do acervo

muito entre os anos 1980 até os dias atuais, começa a retornar ao local, em função do trabalho educativo feito em parceria com as escolas. “O aluno vem em uma visita da escola e depois acaba trazendo a família e ainda explica o que aprendeu sobre a exposição ou o acervo da Galeria Homero Massena. O professor cria vínculo com a Galeria e retorna. Por isso, hoje, temos público, retomamos o nosso fôlego.” A visitação espontânea é mais comum aos sábados.

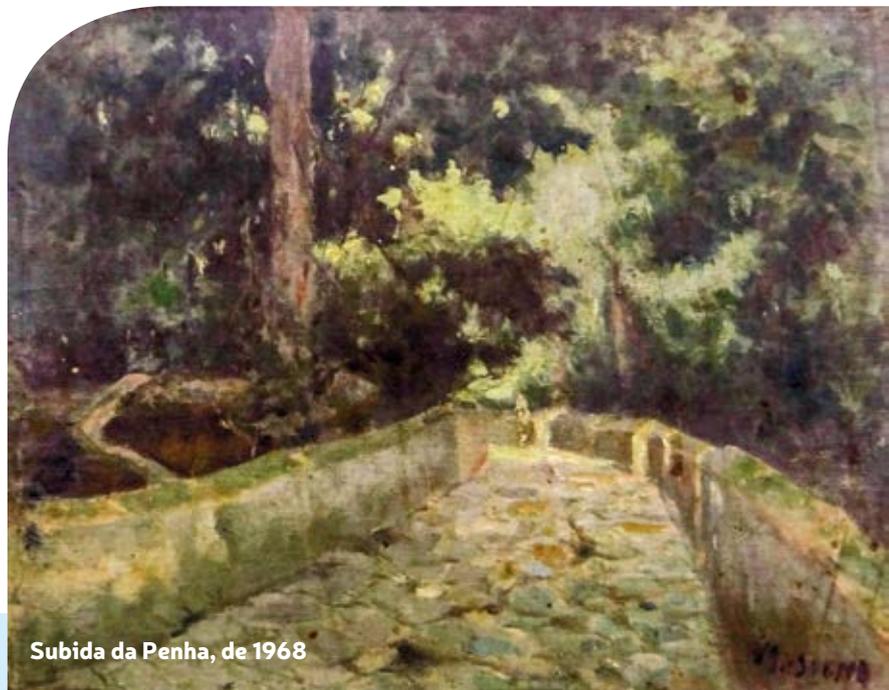
“Como o nosso grande foco hoje é o jovem artista e a divulgação deste acervo maravilhoso, precisamos investir nessas parcerias com escolas, para formação de público. A exposição na Homero Massena é o primeiro passo para decolar na carreira”, conta a coordenadora de Artes Visuais. A preocupação em dar visibilidade ao acervo, segundo ela, é a garantia de que essas obras são tratadas como um bem público, de toda a sociedade capixaba. “Se não a divulgamos,

não há sentido em mantê-la.”

A preocupação com o acervo norteia, por exemplo, trabalhos como a catalogação e registro das obras, com pastas físicas e virtuais de todas as exposições e de todos os artistas que passaram pela Homero Massena. Mas para ultrapassar o acervo das 300 obras é preciso encontrar mais espaço. Desde 2012, a Galeria não recebe mais peças das exposições, por falta de local que seja capaz de abrigá-las com o

necessário cuidado à sua conservação. Há obras da Galeria no Diário Oficial e no Palácio Anchieta. Do acervo, apenas duas não foram agregadas com origem nas outras galerias e nas exposições internas. São as do artista que dá nome ao espaço, Homero Massena, que morreu em 1974.

A museóloga Paula Nunes Costa explica que a questão de ampliação do espaço da Galeria dedicada a abrigar o acervo está



Subida da Penha, de 1968

## Quem foi Homero Massena

O pintor Homero Massena, que morreu em 1974, foi um dos mais importantes artistas plásticos da história do Espírito Santo. Produziu mais de 10 mil obras e teve no uso da técnica impressionista sua característica principal. Suas telas, em geral, têm como tema natureza e paisagens.

Para o próprio autor, segundo seu biógrafo, o também pintor Kleber Galvêas, as suas obras mais significativas são “Remanso”, atualmente em Paris, “Natal”, em Londres, e

“Solidão”, no Palácio Anchieta, em Vitória.

Homero Massena nasceu em 1885, em Barbacena, Minas Gerais. Estudou pintura, urbanismo e decoração no Rio de Janeiro e, em 1912, foi para Paris estudar na Académie Julien, escola de pintura e escultura, fundada em 1867 pelo pintor francês Rodolphe Julian. Ela se tornou célebre pela quantidade e pela qualidade dos artistas que formou. Nomes famosos são associados à Academia

Julian, como Henri Matisse, Marcel Duchamp e Jean Dubuffet.

O mineiro Massena foi fundador e primeiro diretor da Escola de Belas Artes do Espírito Santo, depois incorporada à Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Além de dar nome à Galeria, em 1986 foi criado, na antiga residência do pintor, na Prainha, em Vila Velha, o Museu Atelier Homero Massena. O espaço também é dedicado a exposições de artes visuais.

**“Como ponto de exposição, a Galeria Homero Massena era o nosso xodó. Tinha uma efervescência nos anos de 1970. Acho até por conta da Ditadura Militar queríamos nos informar e a Homero Massena era o carro-chefe para os artistas, que tinham muita vontade de expor sua obra. O trabalho da Direção da Galeria sempre foi muito digno ao longo destes anos. Ela foi e é muito importante para o artista e o público capixaba. E hoje tem muita relevância na geração de público para as artes visuais e no incentivo ao artista mais jovem. Fico feliz de ter um espaço importante voltado para o jovem artista. Além disso, é fundamental um acervo local com obras do artista capixaba. É uma referência para o público, que pode se reconhecer. 99**

**Hilal Sami Hilal**

em discussão. Ela explica que o trabalho de conservação e manutenção é feito com higienização mecânica e a climatização dos espaços, além da restauração de algumas obras, quando necessário.

O quadro de servidores da Galeria é enxuto: além da coordenadora, mais três servidores efetivos e dois estagiários universitários da área de artes. Na equipe, há servidores que acompanharam esse longo processo de desenvolvimento do espaço e que têm uma grande memória desses tempos, o que serve muito para ajudar a catalogar as obras e recuperar a memória da Homero Massena.

## Ocupação

Os editais de ocupação da Secult e a divulgação do seu próprio acervo garantem o ano inteiro de movimento da Galeria Homero Massena. São dois artistas ou grupos selecionados por ano e cada um tem direito a R\$ 25 mil, para apoio ao desenvolvimento de projetos, garantindo a divulgação, o aprimoramento e o desenvolvimento do seu trabalho, que culmina com a exposição na Galeria Homero Massena.

Segundo a coordenadora de Artes Visuais da Homero Massena, Franquilândia Gonçalves Rangel Raft, a programação do espaço é definida no final do ano anterior. “Começamos o ano com todo o planejamento definido.”

O trabalho de ocupação da Galeria coincide com o papel de fomentar um movimento cultural cada vez mais forte no Centro de Vitória. Quando há eventos culturais na região, a Galeria acaba entrando em um roteiro natural de visitação e o número de visitantes cresce. “O melhor disso tudo é que ajudamos a fortalecer esse movimento cultural, esse corredor cultural no Centro. Esse movimento está se organi-

zando e nós participamos desse processo. Divulgamos uns aos outros”, conta Franquilândia.

## Inclusão

A coordenadora da galeria, Franquilândia Raft, informou que o atendimento inclusivo vem sendo realizado desde 2012. Já as oficinas começaram a ser desenvolvidas em 2013, com o público idoso e os cadeirantes usuários do serviço especial Mão na Roda.

“Nós percebemos que havia muita vontade da parte deles, porém pouca oportunidade. Regularmente eles frequentam as exposições e podem participar das visitas mediadas durante o ano, mas nós queríamos separar também um período em que pudéssemos preparar uma programação exclusiva”, explicou.

### Oficinas inclusivas

#### Fio da Memória

**Público:** idosos, deficientes visuais e auditivos e cadeirantes têm uma nova opção de programação cultural.



Foto: Divulgação Secult

## Exposição para comemorar os 39 anos



Instalação de esculturas em arame, argila, resina epóxi e tinta de sapateiro, de Irineu Ribeiro

Para celebrar os seus 30 anos, a Galeria Homero Massena apresenta a mostra “Marcas da Memória”, com obras de Ana De Sena, Sebastião Salgado, Benevento, Hilal Sami Hilal, Julio Schmidt, Irineu Ribeiro, Paulo Bonino e Paulo Campinho. A exposição vai até 20 de abril. Além das obras dos artistas citados, a nova mostra apresenta também o legado de materiais de extintas galerias como Álvaro Conde, Levino Fanzeres e do Atelier de Pintura Homero Massena.

A proposta é fazer uma reflexão sobre o rico acervo da Galeria Homero Massena. As obras de arte percorrem os 39 anos de história do mais antigo espaço público dedicado exclusivamente às artes visuais do Estado. Uma programação variada completa as comemorações.

A Galeria Homero Massena funciona na Cidade Alta, no Centro Histórico de Vitória, na Rua Pedro Palácios, 99. Está aberta de segunda a sexta, das 9 às 18 horas, com entrada franca. Aos sábados (exceto nos meses de janeiro e fevereiro e nos feriados ao longo do ano), a GHM abre das 13 às 18 horas.

Foto do Movimento dos Sem Terra, de Sebastião Salgado



## Programação GHM



### Exposição

**Marcas da memória: a construção do acervo da Galeria Homero Massena**

Exposição comemorativa dos 39 anos da GHM

**Visitação:** até 20 de abril

### Oficinas inclusivas

**Fio da Memória**

De 5 a 9 de abril

Público: idosos, deficientes visuais e auditivos e cadeirantes terão uma nova opção de programação cultural. O tema da edição deste ano trabalhará com as memórias de cada participante, por meio do curso de Bordado Afetivo, que faz parte do programa educativo da Exposição Marcas da Memória: a construção do acervo da Galeria Homero Massena.

### Visitas mediadas pré-agendadas

**Exposição Marcas da memória: a construção do acervo da Galeria Homero Massena**

Agendamento aberto a turmas de escolas, instituições, famílias ou grupos de turistas. Durante os meses de março e abril.

### Grupo de estudos em artes visuais

**Leituras comentadas de textos relacionados à exposição**

Aberto à participação da comunidade. Sem inscrição prévia. Às segundas, durante o período

### Encontro de educadores

Quarta, 13 de abril  
13 às 17h

Quinta, 14 de abril  
7h30 às 11h30

Quinta, 14 de abril  
13 às 17h

da exposição - 15 às 17h

### Roda de conversa

**39º aniversário da Galeria Homero Massena**

Aberto à participação da comunidade. Sem inscrição prévia.  
Quinta, 31 de março - 15 às 17h

**“ Desde sempre mantenho um carinho especial pela GHM, como prefiro chamar a Galeria Homero Massena. Incentivei e participei de sua gênese [na época de Beatriz Abaurre...], fiz palestras sobre sua importância no ambiente artístico regional, registrei sua memória em textos e provoquei a ocupação do segundo andar, quando montei a instalação “Brasil” no final de 2005. Enquanto morei em Vitória, transformei em ritual íntimo a realização de uma individual a cada década: “Taru”, nos anos 70 - uma instalação com a utilização inédita de vídeo; “Noturnos”, no início dos anos 80 com pinturas e desenhos; “Vydeo”, instalação nos anos 90... E neste século, além da citada “Brasil”, despedi-me do espaço com a instalação “Tempo” que realizei como extensão da mostra “Meditações Extravagantes”, apresentada no Maes em 2012. São lembranças indelévels. Continuo desejando – mesmo distante – que o espaço mantenha sua tradição de receptor e potencializador de manifestações criativas inovadoras e que prossiga no seu mítico destino de iluminar o surgimento dos novos talentos da arte produzida no Espírito Santo. Vida longa! ”**

Nenna B



## Democratização do acesso - novos rumos para a cultura

Uma preocupação recorrente entre os artistas e produtores culturais é como e onde captar recursos. Visando a dar transparência ao processo de seleção e apoio a projetos culturais, as instituições públicas, e o setor privado cada vez mais, vem adotando o concurso ou edital público para o acesso às fontes de recursos.

Identificar as fontes e conhecer os limites e características de cada uma é o primeiro passo na busca de viabilidade de uma ideia. Sendo assim, a Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo, Secult, criou o **Guia de Fomento e Financiamento em Cultura**, disponível online no site da secretaria ([www.secult.es.gov.br](http://www.secult.es.gov.br)), como

em realizar projetos culturais.

O lançamento do Guia reforça a adoção de um modelo sistêmico de gestão da cultura ao reunir atores, articular mecanismos, de modo a potencializar ideias que promovam o giro da produção cultural, ancorada nas atividades de criação, produção, difusão e preservação, tendo a formação como base em todas as etapas da cadeia.

A orientação da Secult por uma visão sistêmica de gestão das políticas culturais requer o alinhamento e a integração de programas e ações promovidas por diferentes áreas da administração direta e/ou indireta das esferas municipal, estadual e federal, permeado pelo diálogo permanente com a sociedade,

o Governo Estadual aderiu ao Sistema Nacional de Cultura – SNC por meio da assinatura do Acordo de Cooperação Federativa. Em dezembro de 2014, com a sanção da lei de criação do Plano Estadual de Cultura, o Espírito Santo passou a contar com os elementos básicos de gestão para a constituição do Sistema Estadual de Cultura: o órgão gestor (Secult), o Conselho Estadual de Cultura (CEC), o Plano Estadual de Cultura, o Fundo Estadual de Cultura (Funcultura), a Conferência Estadual de Cultura, alinhada com a Conferência Nacional de Cultura, e um Programa de Formação em Arte e Cultura, em fase de ampliação.

Assim como o SNC depende da existência de correspondentes em funcionamento nos entes federados, o Sistema Estadual de Cultura para existir de fato, precisa estar articulado com estruturas de gestão da cultura nos municípios. Até o momento 33 municípios capixabas assinaram o Acordo de Cooperação com o Ministério da Cultura, assumindo o compromisso de criação de seus próprios sistemas.

Visando a incentivar a organização desses sistemas municipais, a Secult criou uma **Gerência do Sistema Estadual de Cultura - Gesec** para prestar assessoramento técnico e desenvolver cursos, oficinas, entre outros, como apoio à estruturação da gestão cultural municipal a

**“A SECULT CRIOU TAMBÉM A GERÊNCIA DE CIDADANIA E DIVERSIDADE CULTURAL - GECID COM O OBJETIVO DE PROMOVER A CULTURA DE BASE COMUNITÁRIA E A CIDADANIA CULTURAL POR MEIO DA POLÍTICA NACIONAL DE CULTURA VIVA.”**

forma de divulgar as principais fontes de financiamento - federais, estaduais, de municípios capixabas, com atenção também para as fontes independentes (o financiamento coletivo), e facilitar o acesso aos interessados

através de instrumentos de participação social.

O Sistema Estadual de Cultura do Espírito Santo, coordenado pela Secretaria de Estado da Cultura, começou a ser estruturado em 2012 quando

ser constituída basicamente de órgão gestor (secretaria, divisão ou setor de gestão da cultura), instâncias de articulação com a sociedade civil (conselho de políticas culturais, conferências etc.) e instrumentos de gestão (plano de cultura, sistema de financiamento, sistemas de informações e indicadores culturais e programa de formação na área).

Além do apoio à estruturação da gestão cultural municipal, a Secult criou também a **Gerência de Cidadania e Diversidade Cultural - Gecid** com o objetivo de promover a cultura de base comunitária e a cidadania cultural por meio da Política Nacional de Cultura Viva, do Programa Pontos de Memória,



Foto: Divulgação Secult



Foto: Divulgação Secult

**Cena do filme Os incontestáveis, realizado por meio do Edital de Audiovisual da Secult. Diretor: Alexandre Serafini**

do Programa Pontos de Leitura, do Projeto Labor@rte e das ações de Valorização da Diversidade Cultural Capixaba, da Valorização da Cultura Hip Hop e dos Coletivos Artísticos Juvenis.

Esses dois novos setores somados aos já existentes - a Gerência de Memória e Patrimônio, a Gerência do Funcultura, o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas, os espaços culturais - Museu de Arte do Espírito Santo, Biblioteca Pública do Espírito Santo, Theatro Carlos Gomes, Galeria Homero Massena, Museu do Colono, Espaço Cultural Palácio Anchieta e o Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, como órgão vinculado, constituem o Sistema Secult, uma forma de atuação intersectorializada visando à realização de uma política cultural com orientação fortemente sistêmica, voltada para a descentralização

da atividade cultural, por meio da valorização e do fomento a ações realizadas por indivíduos, grupos, comunidades e setores públicos, localizados desde os pequenos vilarejos às cidades maiores.

Essa conformação é um passo necessário no sentido de atender às diretrizes do Plano Estadual de Cultura, alinhado ao **Plano Nacional de Cultura - PNC**, tendo como eixos estratégicos a estruturação da gestão cultural em nível de estado e municípios, a valorização da diversidade artística e cultural, a democratização do acesso à cultura, o entendimento da cultura como vetor para a construção e qualificação de um modelo de desenvolvimento sustentável para o Espírito Santo e a ampliação dos mecanismos de participação da sociedade na gestão das políticas públicas de cultura. ■

**Espectáculo teatral A Menina e o Cão, realizado por meio do Edital da Secult. Grupo Beta de Teatro**

**Anna Saiter**  
Mestre em Memória Social  
Gerente do Sistema Estadual de Cultura/Secult ES



CONGO NO CONVENTO DA PENHA | Foto: Zanete Dadalto

